

Ituporanga, 7 de dezembro de 1983

Aos
Estudos Teológicos
Faculdade de Teologia da IECLB
Cx. Postal 14
93.000 São Leopoldo, RS

Sr. Diretor:

O artigo de Sílvio Meincke "JUSTIFICAÇÃO POR GRAÇA E FÉ: UM NOVO ESPAÇO PARA A VIDA", feito palavra da Faculdade de Teologia em seu órgão, merece ser contestado:

1. SEM CONCEITO RADICAL DE PECADO, NÃO HÁ JUSTIFICAÇÃO POR GRAÇA!

Não na repetição de fórmulas tradicionais, mas nas articulações próprias com que as interpreta, o autor revela seu conceito de pecado:

A conclusão na página 211 afirma que a morte insiste em "estrangular o espaço da vida" — que bela expressão! — limitando, porém, logo a seguir esta realidade, dizendo que viver "torna-se difícil", mas — supõe-se — não impossível. "Impossível para muitos", mas nem para todos. É o contexto desta afirmação ainda sugere que o estrangulamento de vida acontece APENAS na "sociedade capitalista e de consumo".

Na página 217 o artigo diz que, ao menos para determinadas pessoas, pecado é uma ficção, afirmando que as pessoas com as quais Jesus convivia eram "pretensamente não merecedoras, não dignas", logo eram merecedoras e dignas.

Por fim este desconceito de pecado aflora também num dos tópicos prediletos do autor: Num único parágrafo ele fala três vezes da "riqueza exagerada". Este conceito implicitamente justifica riqueza 'não exagerada'!

O desacerto desta conceituação de pecado não se revela naquilo que ela visa (a sociedade capitalista e de consumo, os opressores, a riqueza exagerada, etc.), mas naquilo que implicitamente isenta e poupa (a sociedade não-capitalista, o povo, os pobres e os não exageradamente ricos ou — quem sabe — os ricos que são a favor dos pobres).

Basta um relance em textos como Romanos 3,10-12+23, Marcos 2,17, Mateus 6,24 ou Lucas 6,24 para reconhecermos que as afir-

mações acima apontadas diferem fundamentalmente do conceito bíblico de pecado: Este caracteriza-se por sua radicalidade. Não somente a sociedade capitalista e de consumo, os opressores e os ricos "estrangulam o espaço de vida" porque são pecaminosos, mas também as sociedades socialistas, sandinistas, morenas, o povo, os ricos 'não exagerados' e os pobres são participantes ativos neste estrangulamento. "Todos pecaram", diz Paulo. E, "o salário do pecado é a morte". Assim a realidade da morte "estrangula o espaço de vida" de todos e não apenas de alguns ou até de muitos.

E, Jesus não veio para conceder "novo espaço de vida" para pessoas "pretensamente não merecedoras", mas sim para pessoas que de jeito algum mereciam este novo espaço de vida. Nem o am-ha-arez (povo), nem os fariseus (que, aliás, sempre se consideraram merecedores) mereciam estar na presença de Jesus que jamais justificou qualquer riqueza!

Esta radicalidade e universalidade do conceito bíblico, porém, não pode ver quem elimina da pregação de Jesus e de Paulo a LEI COMO EXPRESSÃO DA VONTADE DE DEUS, como Meincke o faz nas páginas 217-219. Esta não pode ser confundida com a vontade de uma classe dominante. Justamente por isto Jesus não poupa a tradição dos fariseus que encobriu a vontade de Deus. Nem tão pouco, pode ser confundida com a vontade do povo. A vontade de Deus NÃO EMANA DO HOMEM, mas lhe é revelada: É no confronto com ela que descobrimos a radicalidade do NOSSO pecado e a necessidade de arrependimento para todos. Por ignorar a lei como vontade de Deus Meincke, apenas pode falar de arrependimento para alguns (pág. 217). Desconsiderando a vontade de Deus como vontade revelada ao homem, nossos conceitos conceitos de pecado sempre serão restritos à ideologia da classe, do povo ou sistema do qual comungamos, seguindo o modelo descrito em Mateus 7,3: "Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?"

Ignorada a vontade de Deus, o pecado perde sua radicalidade e universalidade. Torna-se, apenas, realidade para terceiros. Eu jamais corro perigo! Perdendo o pecado a sua periculosidade, esvazia-se a cruz de Cristo (não é por acaso que o artigo de Meincke é paupérrimo e monossilábico a seu respeito) e fé deixa de ser a aceitação de um presente imerecido para receber novo (?) sentido, como Meincke também o faz na página 229: "A justificação não dependerá do nosso sucesso ou do nosso fracasso, mas da nossa intenção." (Hitler, Stalin e Somoza e companheiros não se firmaram nas 'suas intenções? vide "MeinKampf"! Assim a graça fica barata. A apocatástasis panton, a salvação de todos está garantida e jamais produzirá a transformação por gratidão que o articulista postula.

2. A ANÁLISE SOCIAL CIENTÍFICA NÃO É, NEM JAMAIS QUIS SER SERVA DO EVANGELHO.

Em tese não é suspeito afirmar-se que a análise social deva “ser usada na qualidade de serva e instrumento do Evangelho”. Isto também já foi postulado para legitimar o uso de muitas filosofias na teologia.

Ao menos avisado, no entanto, devemos lembrar que a análise social por si mesma jamais quis servir ao Evangelho. Lutero tem razão quando chamava a nossa razão de prostituta. Assim também, arditosamente, a análise emanada desta razão sempre guiar-se-á pelo proveito próprio! Por isto também a análise social científica precisa converter-se primeiro para depois, eventualmente, servir ao Evangelho! Isto é: A análise de cunho marxista se articula no esquema oprimido/opressor e uma de suas premissas é o materialismo histórico. Neste esquema Deus não tem lugar, muito menos sua vontade. Quando muito é considerado uma hipótese de trabalho, mas jamais uma realidade. Neste esquema a análise social científica jamais servirá a ao Evangelho, mas sempre subordinará o Evangelho ao seu esquema, eliminando do conteúdo do Evangelho tudo que não cabe no seu dualismo (a vontade de Deus, p. ex.) e que é incompatível com suas premissas (p. ex.: a realidade do Deus Criador e Senhor que se revela em Jesus Cristo). Assim o Evangelho e conseqüentemente a igreja, falsificados, se tornam servis à análise! Assim enveredamos para um beco sem saída e já não estamos mais NO CAMINHO.

Martin Weingaertner